

Herdar histórias divididas, criar histórias ligadas: Hugo Hamilton e Glenn Patterson em Tradução

Teresa Casal*

1. Introdução

Richard Kearney, filósofo irlandês discípulo de Ricoeur e um dos responsáveis pela divulgação da chamada “filosofia continental” no mundo anglófono,¹ escreve na sua Introdução à tradução inglesa dos últimos ensaios de Ricoeur reunidos em *Sur la Traduction* (2004):

Ricoeur goes so far as to suggest that the future ethos of European politics, and eventually of world politics, should be one based upon an exchange of memories and narratives between different nations, for it is only when we translate our own wounds into the language of strangers and retranslate the wounds of strangers into our own language that healing and reconciliation can take place.

This is ultimately what Ricoeur intends when he describes the ethics of translation as an interlinguistic hospitality. (Kearney 2006: xx)

Se “é só quando traduzimos as nossas feridas para a língua de estranhos e retrovertemos as feridas de estranhos para a nossa língua que a cura e a reconciliação se tornam possíveis”, os textos de Glenn Patterson e Hugo Hamilton que a seguir se apresentam em tradução portuguesa testemunham a dificuldade e a premência desse trânsito. Este é um intercâmbio entre estranhos, ligados por feridas e medos porventura mutuamente infligidos, mas incapazes de encontrarem uma linguagem que lhes permita reconhecer o partilhável — o sofrimento da dor e da perda, qualquer que seja a sua origem ou justificação. É nessa busca do partilhável que a “ética da tradução” proposta por Ricoeur oferece um modelo a seguir: na medida em que o trânsito entre as feridas de uns e de outros requer uma hospitalidade interlinguística,

* CEAUL / Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

¹ Veja-se, por exemplo: Richard Kearney, *Poetics of Imagining. From Husserl to Lyotard: Problems in Modern European Thought* (1991); Richard Kearney and Mark Dooley, eds. *Questioning Ethics: Contemporary Debates in Philosophy* (1999); Richard Kearney, *Debates in Continental Philosophy: Conversations with Contemporary Thinkers* (2004). A sua obra filosófica, tributária dessa herança “continental”, inclui a trilogia “Philosophy at the Limit” constituída por: *The God Who May Be: A Hermeneutics of Religion* (2001), *On Stories* (2002) e *Strangers, Gods and Monsters: Interpreting Otherness* (2003).

mas também intralinguística, como demonstram Hugo Hamilton e Glenn Patterson. Que este não é um desafio fácil, antes exige persistência e compromissos, também resulta claro dos seus testemunhos. Mas, como reconhecia Ricoeur, traduzir é abandonar o sonho de perfeição para explorar a arte do possível e a “construção do comparável” (Ricoeur 2006: 37).

2. Sobre Hugo Hamilton e Glenn Patterson

Hugo Hamilton (Dublin, 1953) e Glenn Patterson (Belfast, 1961) são escritores irlandeses que escrevem predominantemente ficção. Hamilton é autor de sete romances, *Surrogate City* (1990), *The Last Shot* (1991), *The Love Test* (1995), *Headbanger* (1996), *Sad Bastard* (1998), *Disguise* (2008) e *Hand in Fire* (2010), dois volumes de memórias, *The Speckled People* (2003) e *The Sailor in the Wardrobe* (2006), bem como de um volume publicado em alemão, *Die Redselige Insel* (2007), no qual percorre os passos do escritor alemão Heinrich Böll na Irlanda. Patterson, por sua vez, é também autor de sete romances, *Burning your Own* (1988), *Fat Lad* (1992), *Black Night at Big Thunder Mountain* (1995), *The International* (1999), *Number 5* (2003), *That Which Was* (2004) e *The Third Party* (2007), um volume de memórias, *Once Upon a Hill: Love in Troubled Times* (2008) e uma colectânea de textos jornalísticos, *Lapsed Protestant* (2006), que inclui “I am one of the people”, o texto aqui traduzido como “Sou uma das pessoas”. Embora ficcionistas, tanto Hamilton como Patterson recorreram à escrita de memórias para revelarem segredos ciosamente guardados nas respectivas famílias. Esta decisão de inscrever a memória pessoal e privada na memória colectiva e pública prender-se-á com a própria natureza dos segredos reprimidos pela memória familiar e colectiva: o que as memórias de Hamilton e Patterson indiciam é que tanto a história familiar como a colectiva são mais matizadas do que os discursos oficiais, sejam eles domésticos ou nacionais, querem fazer crer.

Em *Once Upon a Hill: Love in Troubled Times* (2008), Glenn Patterson, nascido numa família protestante e casado com uma católica da República da Irlanda, pesquisa a genealogia familiar para contar a história dos avós paternos que, antes dele mas muito mais sigilosamente do que ele, cruzaram a fronteira sectária que tem dominado a vida e condenado muitos à morte na Irlanda do Norte. Ao regressar a Belfast em 1994 o autor constata como as “relações mistas” continuam a suscitar a violência dos fanáticos de ambos os lados, talvez por, adianta, “desmentirem a ideia de que existem dois povos distintos na Irlanda do Norte” (Patterson 2008: 6) — talvez por, apetece acrescentar, tornarem demasiado evidente que aquilo que liga uns e outros não se faz de diferenças apenas.

“I am one of the people...” foi inicialmente apresentado em Bruxelas em 2001, tendo sido também o texto de abertura escolhido pelo autor para uma sessão de leitura e conversas com escritores que teve lugar no Teatro Carlos Alberto, no Porto, a 10 de Outubro de 2009, no âmbito do Festival Literário Irlandês *Fundamental Sounds: Voices from Ireland*, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 6 e 11 de Outubro de 2009. A presente tradução foi lida nessa altura.

O texto de Hugo Hamilton, originalmente intitulado “Learning to Grieve for Our Enemies”, foi o contributo do autor para *From the Republic of Conscience* (2008), uma iniciativa conjunta da secção irlandesa da Amnistia Internacional e do *Irish Times* para assinalar o 60º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Sob o título de um poema de Seamus Heaney, *From the Republic of Conscience* reúne uma Introdução do próprio Heaney e textos de outros escritores irlandeses convidados a responder a cada um dos Artigos de Declaração Universal dos Direitos Humanos. A série foi publicada semanalmente no *Irish Times* ao longo de 2008 e reunida num suplemento publicado no 60º aniversário da Declaração, a 9 de Dezembro desse ano.²

Na sua Introdução, intitulada “The Poetic Redress”, Heaney evoca o desafio com que se deparou quando, em 1985, foi convidado por Mary Lawlor, da secção irlandesa da Amnistia Internacional, para escrever um poema por ocasião do Dia das Nações Unidas. O convite veio acompanhado de relatos de perseguição e tortura de prisioneiros da consciência. Perante eles, o poeta emudeceu. Só depois de se declarar incapaz de anuir ao convite é que Heaney descortinou enfim qual poderia ser o seu contributo como poeta: face a tais reptos, o contributo dos escritores não será o de parafrasear os relatos de dor e violência no mundo, ou o enunciado dos Artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas o de, por uma inflexão da palavra e do olhar, abrir um outro ângulo de percepção e reflexão, num gesto simultaneamente estético e ético. Assim surgiu a sua alegoria sobre a “república da Consciência”.

É essa inflexão que os ensaios de Glenn Patterson e Hugo Hamilton anunciam já nos respectivos títulos. Em “I am one of the people”, Patterson evoca a tensão contida no duplo sentido da palavra inglesa “people”: entre o povo abstracto das palavras de ordem sectárias e as pessoas concretas tantas vezes reféns das ideologias que se digladiam em seu nome. Na sua resposta ao Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Hamilton explicita o desafio subjacente às palavras de Patterson: o de reconhecer a humanidade do próprio inimigo, que começa por ser desumanizado para poder ser combatido. Se o texto de Patterson parte da Europa para a Irlanda, e especificamente a Irlanda do Norte, o de Hamilton regressa às feridas que rasgam a paisagem e a memória europeias para apelar a que europeus de cada lado das trincheiras se reconheçam na dor e no luto. O apelo radica na sua vivência pessoal: filho de pai irlandês e de mãe alemã, é neto de duas vítimas das trincheiras da Primeira Guerra Mundial, um avô irlandês que tombou lutando ao lado dos ingleses e um avô alemão que caiu lutando contra os ingleses. Hamilton cresceu a falar irlandês e alemão em casa e inglês lá fora e tornou-se escritor na língua proibida pelo seu pai, um fervoroso nacionalista irlandês que não conseguia encontrar um lugar para o próprio pai na Irlanda independente por si imaginada.

² *From the Republic of Conscience: Reflections on the Universal Declaration of Human Rights by 31 Irish Writers with an Introduction by Seamus Heaney, Irish Times*, 9 Dec. 2008.

Conforme narra nas suas memórias, *The Speckled People* (2003) e *The Sailor in the Wardrobe* (2006), a experiência de crescer por entre querelas identitárias deixou-lhe como legado o desafio de conciliar as suas múltiplas pertenças. É isso que faz, tanto na ficção, como nas memórias e no ensaio, e é na língua da rua e do avô paterno que encontra o equilíbrio entre distância e proximidade que lhe permite ligar uma herança dividida. O sucesso internacional de *The Speckled People*, traduzido em vinte línguas,³ sugere que essa busca do partilhável está longe de obedecer a uma premência estritamente pessoal ou nacional, antes é reconhecível em múltiplos contextos.

3. Traduções

Sou uma das pessoas...
Glenn Patterson

Sou um dos trezentos e vinte milhões de pessoas que vivem nos estados da Europa reunidos numa união política e económica (pré-Tratado de Nice). Sou um dos sessenta milhões de pessoas que vivem nas ilhas logo a ocidente da península europeia; um dos seis milhões de pessoas na mais pequena destas ilhas, um do milhão e meio de pessoas que vivem nos seis condados do nordeste da província do Ulster, historicamente constituída por nove condados, e que integram a região administrativa do Reino Unido conhecida como Irlanda do Norte.

Sou um dos inúmeros milhares de pessoas que saíram daqui nas décadas de 70 e 80 do século XX esperando levar uma vida do outro lado do mar livre da porcaria entre Protestantes e Católicos, Laranja e Verde, em que escola andas e em que rua vives; uma das muitíssimas pessoas que descobriram que a primeira coisa que tinham que fazer mal chegavam ao lado de lá era explicarem-se a agentes da polícia em termos que tinham tudo a ver com a rua em que viviam e a escola em que andavam...

Sou uma das pessoas que acabaram por regressar. Sabe-se lá por quê.

Sou uma das pessoas, os números perfeitamente irrisórios, que dizem Do Outro Lado do Mar e não A Metrópole referindo-se à maior destas ilhas e dizem Estas Ilhas para evitar a designação potencialmente ofensiva de Ilhas *Britânicas*. Sou uma das pessoas que, de igual modo, evitam dizer Ulster ou a Província, por um lado, tal como, por outro lado, evitam dizer os Seis Condados ou Entidade Política Falhada.

Sou uma das pessoas com um passaporte britânico que também poderia ser portador de um passaporte irlandês e muitas vezes ponderou sê-lo, quanto mais não fosse na esperança de ser mais bem tratado caso um dia se encontrasse num avião sequestrado algures no Médio Oriente; uma das pessoas que se sente perfeitamente em casa em Inglaterra mas torcerá por quase qualquer outro país no mundo num jogo de futebol contra a Inglaterra. Sou um de um grupo mais pequeno de pessoas

³ "Hugo Hamilton: Biography", <http://www.hugohamilton.net>. n.d. Web. 29 Sept. 2010.

que não se importa que a Inglaterra ganhe se jogadores do Manchester United marcarem o golo da vitória e sou, já agora, uma das pessoas que sabem mais nomes de jogadores do Bayern, Barcelona, talvez até do Bruges, do que das equipas de Belfast que competem na confrangedora Liga Irlandesa.

Sou uma das trezentas pessoas que compareceram, aos pares, no sábado, 12 de Maio de 2001, para a tentativa falhada de bater o recorde do mundo de casais beijando-se *simultaneamente* (ficámos a seiscentos casais do recorde) na arena Odisseia em Belfast, a uma milha de distância do local onde, na madrugada de sexta-feira, 11 de Maio, três turistas australianos foram tão brutalmente espancados que um deles teve de ser submetido a cirurgia plástica numa orelha. Filhos da puta orangistas, chamaram-lhes os seus agressores. O que terão eles pensado, que aquilo eram sotaques *protestantes*?

Sou uma das pessoas que votaram a favor do Acordo de Sexta-Feira Santa, que visava trazer paz e estabilidade à Irlanda do Norte, e uma das pessoas que temem que o Acordo tenha tornado este sítio um lugar ainda mais dividido para se viver.

Sou uma das duas pessoas que se levantam da cama de manhã para dar de comer a Marvin e Daisy Blur, os gatos.

Corrijo: sou a única pessoa.

Bruxelas, 2001

Aprender a honrar o luto dos nossos inimigos

Hugo Hamilton

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Artigo 27.º

1. *Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.*

2. *Todos têm direito à protecção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.*

Artigo 27.º: Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade. Claro. Incluindo escrever livros, fazer filmes ou esculturas — cantar, dançar, jogar *hurling*, beber, etc.

O que mais? Contar anedotas, troçar de nós próprios, usar *piercings* nas sobrancelhas, deambular por parques públicos, cuspir, dizer palavrões. Até os *graffitti* são uma manifestação de pertença cultural, não são? Uma cultura alternativa. Parte do que faz de nós uma comunidade, quer gostemos, quer não. A nossa identidade.

Então em que consiste exactamente a nossa vida cultural? Na soma do que nos liga ou do que nos separa? No que nos leva a sentirmo-nos em casa e não como estranhos? Num sinal da nossa pertença a um lugar específico? Cada filme, canção popular ou livro liga-nos a esse livre trânsito de ideias, quantas vezes em atrito, que

cria a diversidade cultural de que fazemos parte, ainda que passivamente, sem termos para isso de escrever um livro, pintar um quadro ou cantarolar aos berros uma canção de que mal nos lembramos ao regressar a casa pela noite dentro.

Somos livres de participar na nossa cultura, desde que, claro, não excluamos outras formas de expressão na nossa comunidade. Ou nos sintamos excluídos.

Nós, irlandeses, compreendemos talvez melhor do que muitos outros o que significa ser diferente. Sabemos por experiência o que é perder identidade: vivemo-lo na nossa história, numa língua moribunda, na emigração e pobreza e na expressão última da nossa liberdade e auto-determinação. São os desapossados da história que mais precisam de identidade, são eles que a substituem por canções e histórias, por formas imaginárias. Tornámo-nos especialistas na matéria. Colocámo-nos no palco do mundo. Aliás, a nossa identidade converteu-se numa marca global, numa mercadoria a vários títulos.

Suscitamos interesse pela nossa diferença, os nossos modos insulares, a nossa fé e nacionalismo, a nossa alegria e capacidade de negociar com ar de quem se diverte. Ciosos de celebrarmos as estruturas da separação, vemo-nos muitas vezes como católicos ou protestantes, britânicos ou irlandeses, homens ou mulheres, carne ou peixe. Estar no meio não tem sido fácil. Mas hoje em dia essas fronteiras vão-se esbatendo e já é possível assumir múltiplas formas de pertença sem nos sentirmos como estranhos.

O processo de paz da Irlanda do Norte será talvez o exemplo mais notório desta partilha de identidade, da capacidade de ir para lá da vedação armadilhada tantas vezes erigida para proteger cada forma de cultura e expressão.

O conflito tornou-nos diferentes.

A paz faz-nos partilhar essa diferença.

Nos últimos tempos, em nenhum outro lugar senti de forma mais palpável esta convergência de divisões do que no memorial construído em Ypres em homenagem aos irlandeses que tombaram na Flandres durante a Primeira Guerra Mundial. Esta guerra, que teve um papel tão importante no modo irlandês de lidar com o passado, tem sido abordada por escritores como Frank McGuinness e Sebastian Barry. Ambos têm explorado as nossas enormes dificuldades em enfrentarmos este episódio, inclusive a nossa incapacidade de honrarmos aqueles que se encontravam do lado errado da gloriosa história da nossa independência.

Perto de Ypres, o governo irlandês mandou erigir um monumento em forma de torre redonda em memória dos que morreram do lado errado, por assim dizer. É um lugar comovente, particularmente para mim, que tive um avô que morreu nessa guerra do lado britânico e foi depois renegado pelo próprio filho por não caber na nova Irlanda.

Uma recordação nítida que guardo da infância é ter usado papoila uma única vez na vida. Deu-ma um vizinho protestante que a comprou no Dia do Armistício e, minutos depois, mal entrei em casa, foi arrancada da minha camisola das ilhas Aran e atirada ao lume. Crescemos a escolher com cuidado quem era digno da nossa tristeza.

Há um ano fui a Ypres com o escritor irlandês Dermot Bolger, que muito tem escrito sobre esta guerra e sobre a vida do poeta irlandês Francis Ledwidge, que lutou e morreu nela. O director do museu de Ypres, Piet Schielens, levou-nos a visitar as trincheiras, mostrando-nos os campos onde continuam a desenterrar corpos quase um século depois. Vimos muitas sepulturas, lápides brancas alinhadas, quase todas de rapazes, jovens com menos de vinte e três anos.

Entardecia. Pairava uma neblina no ar, criando uma calma que mais parecia uma breve trégua na batalha. Disseram-nos que, não raras vezes, explode uma grana-da numa das quintas daqui, matando mais um inocente ao cabo de tantos anos. E não há ano que não traga novas descobertas, como as palavras manuscritas no livro de registos de um cemitério, onde uma família de Tipperary escreveu: “Que bom encontrarmos-te enfim aqui, avô. *Go ndéana Dia trocaire air do anam*”.

O poeta de Belfast Michael Longley escreve com grande subtileza sobre o papel do seu pai na Primeira Guerra Mundial. Descreve como lhe foi concedida uma medalha por bravura por ter chefiado uma unidade que matou um destacamento de soldados alemães perdidos na zona inimiga, seguindo a lógica arrepiante de “limpar” a região dos alemães que tinham sobrevivido à batalha.

Mas escritores há que parecem incapazes de olhar esse conflito com tal lucidez, vendo-o tão-só como uma grande tragédia britânica.

A identidade britânica carece ainda do estatuto heróico da vitória para justificar a sua história e o seu lugar no mundo. O sofrimento alemão e os corpos alemães suspensos das árvores esbatem-se sob a constante reiteração da culpa alemã. É a guerra química simplificada pela lógica de miúdos de escola primária: foram eles que começaram, foram eles que inventaram os ataques com gás.

Duram pouco as tréguas na Flandres. Dir-se-ia que os jovens soldados enterrados foram recrutados para lutarem por todo o sempre, uma e outra vez, ano após ano, em nome da honra, da valentia e do “império”.

É um lugar triste. Autocarros repletos de familiares e turistas chegam em grandes números para homenagearem aqueles que deram a vida pelo seu país. Todos os dias, às seis da tarde, reúnem-se sob o grande arco na cidade, ao som do toque fúnebre, e depositam papoilas pelos mortos, pelos desaparecidos, por todos os que nunca foram identificados nem têm sepultura.

Depois, os visitantes britânicos deambulam pela cidade, cuidadosamente reconstruída apesar do desejo de Churchill de a manter em ruínas. Vemo-los em bares e restaurantes, a comprar recordações, capacetes, estilhaços de granada, cartuchos, lembranças de guerra que transportarão para casa a memória desse conflito.

Já os alemães chegam em silêncio e em família. Visitam o cemitério alemão, onde, reza a história, um batalhão de jovens cadetes alemães recebeu ordens para marchar em direcção à morte e a uma rajada de fogo inimigo a fim de demonstrar a sua lealdade e coragem. Depois, os alemães partem em silêncio. Não se vêem na cidade. Não compram lembranças nem falam de bravura.

Bravura, essa palavra-chave que Michael Longley reteve da citação do pai, não é hoje um conceito valorizado na cultura alemã. Porque bravura — *Mut* ou *Tapferkeit*

— deixou de ser um conceito heróico para se tornar algo genérico e necessário para agir face ao perigo, uma virtude escorregadia que tanto pode ser prezada pelas SS como atribuída a um combatente pela liberdade, a alguém em greve de fome, ou a um terrorista em qualquer dos lados de um conflito.

O luto faz parte da nossa vida cultural.

Recordar o passado e aqueles que morreram é um elemento importante da nossa identidade. Mas não será muito mais difícil, criativo e culturalmente imaginativo ser também capaz de honrar o luto do inimigo caído em combate? Não teremos de ir muito mais longe no caminho da reconciliação até chegarmos ao ponto de nos colocarmos na pele do outro?

Por vezes parece que a guerra na Flandres está destinada a prosseguir nas trincheiras. Que a reconciliação pessoal que eu tive que fazer entre o meu avô irlandês e o meu avô alemão, ambos combatentes nessa guerra, ambos vítimas dela, continua a ser difícil de alcançar na Flandres.

Pergunto-me se um dia virá em que os britânicos possam homenagear os seus mortos ao lado dos mortos alemães numa comemoração conjunta. Em Ypres vêm-se papoilas sobre a bandeira tricolor irlandesa. É difícil imaginar papoilas associadas a bandeiras alemãs. Mas, quem sabe, talvez esse luto colectivo fosse o tipo de manifestação cultural europeia capaz de dar àqueles que jazem sob terra o repouso merecido — pensar que os que caminham sobre a terra fizeram enfim as pazes com a história.

Bibliografia citada

- (2008). *From the Republic of Conscience: Reflections on the Universal Declaration of Human Rights by 31 Irish writers with an introduction by Seamus Heaney. Irish Times*. 9 Dec.
- Hamilton, Hugo. (1990). *Surrogate City*. London: Faber and Faber.
- _____. (1991). *The Last Shot*. London: Faber and Faber.
- _____. (1995). *The Love Test*. London: Faber and Faber.
- _____. (1996). *Dublin Where the Palm Trees Grow*. London: Faber and Faber.
- _____. (1996). *Headbanger*. London: Secker & Warburg.
- _____. (1998). *Sad Bastard*. London: Secker & Warburg.
- _____. (2003). *The Speckled People*. London: HarperPerennial.
- _____. (2006). *The Sailor in the Wardrobe*. London: HarperPerennial.
- _____. (2008). "Learning to Grieve for our Enemies". *From the Republic of Conscience: Reflections on the Universal Declaration of Human Rights by 31 Irish writers with an introduction by Seamus Heaney. Irish Times*. 9 Dec. 58-9.
- _____. (2010). *Hand in the Fire*, London: Fourth Estate.
- Heaney, Seamus. (2008). "The Poetic Redress". *From the Republic of Conscience: Reflections on the Universal Declaration of Human Rights by 31 Irish writers with an introduction by Seamus Heaney. Irish Times*. 9 Dec. 4-5.
- Kearney, Richard and Mark Dooley, eds. (1999). *Questioning Ethics: Contemporary Debates*

- in Philosophy*, London and New York: Routledge.
- Kearney, Richard. (1991). *Poetics of Imagining. From Husserl to Lyotard: Problems in Modern European Thought*, London: HarperCollins.
- _____. (2001). *The God Who May Be: A Hermeneutics of Religion*, Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- _____. (2002). *On Stories*, London and New York: Routledge.
- _____. (2003). *Strangers, Gods and Monsters: Interpreting Otherness*, London and New York: Routledge.
- _____. (2004). *Debates in Continental Philosophy: Conversations with Contemporary Thinkers*, New York: Fordham University Press.
- _____. (2006). "Introduction: Ricoeur's philosophy of translation". Paul Ricoeur, *On Translation*. Trans. Eileen Brennan. London and New York: Routledge. vii-xx.
- Patterson, Glenn. (1988). *Burning Your Own*. London: Chatto & Windus.
- _____. (1992). *Fat Lad*. London: Chatto & Windus.
- _____. (1995). *Black Night at Big Thunder Mountain*. London: Chatto & Windus.
- _____. (1999). *The International*. London: Anchor.
- _____. (2003). *Number 5*. London: Hamish Hamilton.
- _____. (2004). *That Which Was*. London: Hamish Hamilton.
- _____. (2006). *Lapsed Protestant*. Dublin: New Island Books.
- _____. (2006). "I am one of the people...". *Lapsed Protestant*. Dublin: New Island Books. 9-11.
- _____. (2007). *The Third Party*. Belfast: The Blackstaff Press.
- _____. (2008). *Once Upon a Hill: Love in Troubled Times*. London: Bloomsbury.
- Ricoeur, Paul. (2004). *Sur la traduction*. Montrouge: Bayard.
- _____. (2006). *On Translation*. Intr. Richard Kearney. Trans. Eileen Brennan. London and New York: Routledge.

Webologia citada

- (2010). "Hugo Hamilton: Biography". <http://www.hugohamilton.net>. n.d. Web. 29 Sept.